



Em *Midas*, da paraense Elsa Lima, o pequeno corpo levita. Um instante entre a criação ao emergir das águas e o primeiro suspiro.

EXPOSIÇÃO

## BIENAL DAS AMAZÔNIAS VAI ALÉM...

### APONTA AS QUESTÕES CLIMÁTICAS E OS DANOS CAUSADOS PELO HOMEM

PERCIVAL TIRAPELLI - ABCA/ SÃO PAULO

**RESUMO:** A 1ª Bienal das Amazônias mostrou um amplo aspecto das artes visuais de sete países amazônicos. Neste artigo analiso 12 obras de diferentes países e técnicas que vão desde a pintura tradicional a óleo até suportes inusitados como têxteis. O critério das escolhas recaiu naquelas obras referenciais segundo o tema da mostra: as águas como fonte de imaginação e desejos. A exposição homenageia a fotógrafa Elza Lima, artista que foca sua mensagem no homem ribeirinho. Outros artistas já denunciam os estragos da floresta, assim como há aqueles que a transformam em um idílio. As marcas da destruição provocada pelo homem perpassam grande parte das obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bienal das Amazônias, instalações, pinturas tradicionais, mítica e denúncia.

**ABSTRACT:** The 1st Amazon Biennial showed a broad aspect of visual arts from seven Amazonian countries. In this article I analyze 12 artworks from different countries and techniques that range from traditional oil painting to unusual supports such as textiles. The criteria I used were based on those referential works according to the theme of the exhibition: water as a source of imagination and desire. The exhibition pays homage to photographer Elza Lima, an artist who focuses her message on riverside people. Other artists have already denounced the damage to the forest, as well as those who transform it into an idyll. The marks of destruction caused by man permeate much of the artworks.

**KEYWORDS:** Bienal das Amazonias, installations, traditional painting, myth and denunciation.



## UM CIRCUITO À MANEIRA DO *TURISTA APRENDIZ*

A 1ª Bienal das Amazonias tem proposta única: Território Amazônia. E não poderia ser tão abrangente. São 121 artistas de nove estados amazônicos brasileiros e sete países da Pan-Amazônia: Colômbia, Peru, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Abriu em 4 de agosto e findou dia 5 do mês de novembro, no Centro Cultura da Vale. São quatro andares e 7,6 mil metros quadrados no centro comercial de Belém.

Keyna Eleison e Vânia Leal explicam que as obras... *são expressões de toda a efervescência e multiplicidade das culturas amazônicas.* Continua: *somos plurais, não existe uma forma única de se fazer arte, o que existe são diferentes individualidades que produzem arte.* A grande exposição foi concebida em torno do conceito de “*sapukai*”, que significa grito. O tema é *Bubuia*: águas como fonte de imaginações e desejos. Ocorreu entre os participantes um extenso processo de pesquisa no território amazônico durante dois anos. O resultado foi surpreendente e apontou muito além da floresta, adentrou temas globais como economia, relações sociais e certamente as questões climáticas.

1- Já na entrada uma grande tela *Assalto á Pindorama*, formada por quatro painéis, pintura vigorosa de Rafael Matheus Moreira, na qual está estampada a cara do Brasil: o caos. Um papagaio vermelho - *Terra Papagalli*, quando o Brasil ainda não tinha nome - pousa como abutre sobre uma caveira e contempla o Belzebu capitalista comandando a destruição da natureza. O Pão de Açúcar surge ensanguentado. Grandes linhas concêntricas abraçam os estragos nas montanhas provocados pelas mineradoras. Os braços mecânicos do Grande Chefe doam armas para a destruição da floresta, imensos pneus de tratores e motoserras eletrizadas por linhas vermelhas completam os instrumentos para a hecatombe. Uma arma de fogo denuncia a terra tomada pela guerra das milícias. De um lado a Fe e do outro as cifras monetárias causando a morte. Jacarés morrem, crianças inocentes - em branco - desesperadas nas águas poluídas, um homem negro leva nos braços o filho morto. Pintura executada com golpes de pincéis, espátulas e intenso embate direto de tubos de tinta espremidos sobre a superfície da tela. Um ato pictórico orgiástico, à maneira do apocalíptico artista holandês Karel Appel.



*Assalto a Pindorama.*  
Rafael Matheus Moreira. Pará, BR. Acrílica s/ telas, 2023





*Igarapé*. Miguel Penha. Mato Grosso, Br. Acrílica s/ tela. 200 x 600cm. 2019

2- Em parede do lado oposto o grande painel de seis metros de comprimento alegrava os olhos e aliviava a alma: *Igarapé*. Era o que se esperar, o idílio, o Paraíso Perdido nos primeiros tempos. Pintura minuciosa, silenciosa, plena de detalhes e olhar agudo da natureza. A técnica das tintas empregadas com tonalidades quebradas alcançando uma atmosfera de perspectiva aérea. O fluir das águas é silencioso, até cerimonioso, ora revelando o ocre avermelhado da terra iluminado por raios solares ora azulado e esverdeado de sombras provocadas por curvas caprichosas. Em meio a todo o espetáculo em que o *Turista Aprendiz* se encanta há um segredo. Um silêncio sepulcral. Os cipós entrelaçam os troncos provocando uma barreira, uma proteção a uma grande árvore que se exhibe com um monumental tronco azulado.



3 A subida para o primeiro andar me acolhe com a sala de honra da Bienal: homenagem a Elza Lima. A fotógrafa paraense que sabe congelar um salto, um movimento e ainda um sonho. Os povos ribeirinhos e seus rituais estão sob seu olhar aprofundada na cultura do homem que vive pairando sobre as águas. Cada fotografia sua conta um pequeno gesto desenhado na escuridão da mata, ou ainda duplicado no reflexo das ondas do rio.

Em *Midas [Marajó]* o pequeno corpo levita. Um instante entre a criação ao emergir das águas e o primeiro suspiro. Ainda não definição entre o corpo saindo do barro e a tez a procurar o sopro da vida. O sol perfura as linhas ziguezagueantes das águas e imprime em seus membros as marcas das luzes que atingem seu peito. A cabeleira a faz flutuar. O olhar diagonal cria movimentos que a levarão para fora do plano bidimensional. O toque de *Midas* é de Elza.



*Midas [Marajó]*.  
Elza Lima.  
Pará, Br.  
Impressão  
com tintas  
de pigmento  
mineral sobre  
papel.  
150 x 225 cm,  
2022

*Las Enseñanzas de Ronín.* Graciela Arias.  
Peru. Acrílica s.  
machetes de madeira.  
7,8 x 73,5 cm (cada).  
Coleção Dendayän. 2023



Detalhe



4 A Amazônia Mítica logo se mostra em obras preciosas como a da peruana Graciela Arias: *Las enseñanzas de Ronín*. (Ronín é o homem das ondas, a lenda de Ronín é ligada aos samurais japoneses, um andarilho). Seus machetes (madeira) servem de suporte para a narrativa do mito. Graciela, sobre seis machetes, narra a criação do mundo e a grande serpente ensinando o homem a viver pela caça, pesca, entre mitos de sereias e todos flutuando sobre a grande serpente ensinadora. A última narrativa é o adormecimento da serpente e sobre seu corpo a natureza é criada. A técnica da pintura é obsessiva. Minuciosa e detalhista de inspiração dos mais antigos pintores flamengos. Os suportes, os machetes, têm o duplo sentido: ao mesmo tempo de talha, as madeiras para esculpir, como forma de facão tem o poder da destruição. Porém a narrativa é toda da criação de um paraíso que emana do corpo sacrificado da serpente.



5 *Mucura* é a obra apresentada por Adriana Varejão. A mucura - o pequeno mamífero com o qual se confunde o gambá - também dito saruê -, está travestida de matrona, de *Pacha Mama*, ou melhor, de *mama oca* como é chamada pelos indígenas. Adriana a pinta dentro de uma espécie de bateia, forma arredondada e aprofundada na parte central na qual está instalada, entre cipós e raios luminosos filtrados pela intensa vegetação. A metamorfose é confirmada pelas formas femininas lascivas, os braços relaxados e todo o corpanzil a flutuar. A cabeça bicuda revela o mito, o animal que durante a noite faz as sementes circularem animando novas plantas a emergirem. A pintura é dinâmica no sentido centrípeto composicional. As pinceladas fogem do campo pictórico enquanto outras mais detalhadas se apresentam na superfície do primeiro plano, entrelaçando as formas míticas da mucura que aos poucos se revela e desvela, num jogo gramatical barroco bem ao gosto de Varejão.



*Mucura*. Adriana Varejão. Rio de Janeiro, Br. Óleo sobre fibra de vidro. Circunferência. 150 x 25cm. 2023



*Ocre Serra da Capivara.* Anita Ekman e Sandra Nanayana Tapiano. São Paulo, Br. Amazonas, BR. Jato de tinta com pigmentos naturais s. papel canson 200gr. Da série *Ocre Serra da Capivara.* 50x90cm. 2019

*6 Ocre Serra da Capivara*, fotografia resultante de atos performáticos de Anita Ekman e Sandra Nanayana Tapiano. As fotografias impressionam. O corpo se avoluma competindo com as urnas funerárias de cerâmica. O ocre - tinta/sangue - remete à ancestralidade, ao ato de cultuar a cerâmica/mulher/pote, que se envolve nas pinturas/cerâmicas e torna sua carne em barro. A artista assim se expressa: *para mim, o ocre é o sangue que dá vida à arte e possibilita o encontro das múltiplas formas de pensar; ele é a materialização desta potencialidade a nos aproximar das origens da humanidade como um todo. Criando este jogo de espelhos ontológico da criatividade humana, giráramos em torno d força bela dos imaginários ocres em diferentes espaços e tempos e expandimos a própria compressão de nossa presença na Terra* (odreview.com, 2021).



7 *L'École Bananière*, de LKPROD, da Guiana Francesa, desfaz as belezas e as imagens míticas que se mostram no serpenteante percurso expositivo. Uma série de camisetas com cenas impressas sobre os conceitos que os alunos aprendem nas salas de aula sobre o processo civilizatório do colonizador, em paragens tão longínquas onde se encontram os colonizados. Nesta estampa de camiseta o colonizador/professor indica as possessões francesas na África comparando-as com a geografia da França colonizadora. Os alunos, sem rosto, bem-vestidos e comportados, assistem ao espetáculo da lição entre palmeiras tropicais.



*L'École Bananière* (Série). LKPROD. Guiana Francesa. Impressão serigráfica sobre camiseta, dimensões variáveis. 2008



8- *El ruido del hombre*, de Nohemi Pérez, representante da Colômbia, leva o espectador a entrar em um sem fim da destruição. Obras minuciosas, imensas, desenhadas com carvão, sanguínea e pequenos bordados. São três telas impactantes. Para quem está acostumado ao fazer artístico são obras a serem reverenciadas, não apenas pelo labor, mas pela visão geral de um imenso desenho no qual se poderia perder, ou então impor-se apenas pela dimensão. Na primeira cena a fumaça toma conta da vegetação, já praticamente morta. A fuligem se espalha entre os troncos e um tamanduá que já teve seu corpo queimado, levita no acinzentado céu. Um pica-pau de topete vermelho está sem a madeira para bicar. A segunda cena mostra o fogo já nas prateleiras inferiores da floresta. O pouco que restou será consumido. A última cena é apocalíptica. Onde havia vida agora só há terra remexida, areia, destruição. Um mínimo de alento. Ao fundo ainda há floresta a ser devastada.



*El ruido del Hombre # 2* . Nohemi Pérez. Colômbia. Da série “ El ruido del Hombre. Sanguínea e carvão e bordado s.telas. 2,35 x 5,00m. Cortesia Instituto Devisón. 2023



*El ruido del Hombre # 2* . Nohemi Pérez. Colômbia. Da série “ El ruido del Hombre. Sanguínea e carvão e bordado s.telas. 2,35 x 5,00m. Cortesia Instituto Devisón. 2023





*Bacia Amazônica*. Emanuel Nassar.  
Pará, BR. Instalação com lona azul, banco de madeira, bilha, bacia de alumínio, garrafa pet e livro de Dalcídio Jurandir “Chove nos Campos de Cachoeira”.  
205 x 285 x 120 cm. 2023

9 E onde ficaram as águas? Na seca instalação de Emanuel Nassar: *Bacia Amazônica*. *Ars povera*. As caudalosas e intensas águas dos rios amazônicos são sintetizadas em uma lona azul piscina. Demarcada por dobraduras como se o território tivesse sido já esquartejado. Uma moringa, o que restou de água para o ribeirão. Uma garrafa plástica com a água suja, roubada, impregnada de mercúrio, a morte para quem sorvê-la. Uma bacia dourada. O *El Dorado*. Vazio. Pleno de ambições. Brilho catastrófico. Um livro intitulado *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. *A Bacia Amazônica*, obra de 2023, profetizara a secura dos rios da Bacia Amazônica.



10 *Goontapu*, instalação do artista de fama internacional do Suriname. Tecidos coloridos pendem do teto e obrigam o espectador a mover toda sua imaginação com as cenas emanadas dos contorcidos têxteis. O artista Marcel Pinas, nascido em Pilgrim Kondre (1971), saiu de sua terra natal, distrito de Marowijne, devido a guerrilhas. Estudou na Jamaica onde continuou a desenvolver seus desenhos baseados em culturas indígenas. Ao retornar ao Suriname redescobriu a beleza dos tecidos dos nativos, daí a bela instalação no último andar. Engano, porém, que está adentrando em uma beleza eterna. Os tecidos, as colunas, as estampas, que Marcel Pinas expõe em museus do mundo todo, tornando-se assim um dos maiores ativistas artistas pela causa dos afrodescendentes. Aqui, o emaranhado de beleza avermelhada é um discurso sobre a invasão dos garimpeiros brasileiros nas terras do Suriname em especial nas terras da cultura *Marron*, sua cultura.



*Goontapu.*  
Marcel Pinas.  
Guiana  
Francesa.  
Instalação com  
tecidos Pangi  
pendurados e  
distribuídos.  
10 x 15 m.  
2023





*Quintino.* Éder Oliveira. Pará, Br. Óleo Stela. 300 X 570cm. 2023. Prêmio PIPA Foundation

<sup>11</sup> *Quintino* é obra premiada de Éder Oliveira, inventivo artista paraense que estampa em grandes dimensões os traços profundos de seu povo. Quintino da Silva Lira, conhecido como Quintino Gatilheiro, foi um agricultor que resistiu às invasões de suas terras na região do Guamá, município de Santa Luzia, no Pará. Depois de matar um fazendeiro e seus comparsas que haviam expulsado 32 lavradores de suas terras, passou a ser procurado pela polícia. Em 1995, após três anos de luta armada foi morto pelos policiais a mando do governo paraense e das milícias dos mineradores. Seu corpo foi ocultado, mas, descoberto, teve grande funeral.

A grande tela, de dimensões históricas, ou mesmo como de um grupo retratado por Rembrandt, é impactante. Em primeiro plano, pensativo, soturno e a ver a morte de

frente. As demais 15 posições do herói são retratadas como se Quintino entrasse dentro de si, de seus planos que se tornaram violentos. Na realidade não seria Quintino, mas aqueles que o rodeiam marcando com uma bala no mapa da próxima ação. *O Liberal* já está vermelho. Ao fundo, sem saída para a estrada com uma ponte, imita o gesto de *Tio Sam*: dedo em gatilho, eu quero você. Cada gesto é aterrador. São gestos e poses sincronizados, equilibrados, calculados. Quem seria o dono deste território sem lei? O fim da exposição da Bienal das Amazonias é um alerta dantesco. Lá se vai do Paraíso ao Inferno sem passar pelo Purgatório do bardo italiano. A quem passar agora os umbrais - portas ou porteiros - deixai todas as esperanças dos encontros de cúpulas para trás. *Il y a un goût de cendre.* O Paraíso (está) Perdido.



## PERCIVAL TIRAPELLI

Professor Titular em História da Arte pelo Instituto de Artes da Unesp. Pesquisador de arte sacra, publicou 30 livros sobre o barroco brasileiro e latino-americano, e uma série de 5 paradidáticos incluindo arte moderna e contemporânea, além de indígena. Mestre e doutor pela ECA/USP e pós-doutorando pela Universidade Nova de Lisboa. Foi do Conselho do Condephaat, vice-presidente da ABCA (2006-2009), membro do Conselho Consultivo do Acervo Artístico dos Palácios do Governo (2007- 2015). Realizou curadorias e catálogos para o Museu de Arte Sacra SP, Museu-Casa Portinari e Museu Bouliou em Ouro Preto. Ocupa a cadeira de número 24 na Academia Paulista de Educação (2023).